

Milliet volta sem solução para juros

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, está embarcando para o Brasil, nesta noite, com “algum entendimento”, mas sem uma solução, para o sério problema que ameaça o desenvolvimento da renegociação da dívida com os bancos credores: o pagamento de cerca de US\$ 765 milhões de juros vencidos em 1º de janeiro.

Milliet indicou que o seu contato de ontem com David Mulford, secretário de Assuntos Internacionais do Departamento do Tesouro, “abriu

um espaço” para o diálogo, mas quando um repórter lhe perguntou “qual?”, e se o governo norte-americano tinha indicado alguma mudança concreta de posição, ele riu, e respondeu:

— Você gostaria mesmo é de ter uma escuta telefônica...

Milliet encontrou-se com a imprensa na Embaixada do Brasil, em Washington, depois da reunião com Mulford, no Tesouro, que foi assistida por um representante do Federal Reserve, e antes de uma visita ao Banco Mundial, no final da tarde. Sua atual missão nos Estados Unidos, a renegociação da dívida de mé-

dio e longo prazos, não inclui uma visita ao FMI.

Para Milliet, “o Brasil pretende efetuar os pagamentos e normalizar sua relação com os credores, mas depende, para isso, do apoio financeiro dos credores”. Ele explicou que “não podemos pagar a conta das reservas brasileiras”, ainda mais no mês de janeiro, quando há uma maior concentração de pagamentos, num total que é de cerca de US\$ 765 milhões, fazendo os cálculos com os dados que ele próprio forneceu durante a entrevista.

As negociações já foram desobstruídas, mas Milliet admitiu: “Não

posso dizer que estejam totalmente tranquilas”. A solução, para ele, é a de se chegar, rapidamente, a um acordo de médio prazo. O protocolo deste acordo, que leva de quatro a seis meses para ser completado, deveria conter a previsão de um empréstimo-ponte que permitiria a retomada dos pagamentos pelo Brasil. Depois, no momento do desembolso dos 700 bancos, acertariam-se as contas.

A idéia de antecipar algo dos US\$ 2 bilhões do acordo interino para o pagamento dos juros de janeiro foi cogitada, mas já é considerada “uma possibilidade remota”. Milliet

repetiu que Fernão Bracher, que liderou as negociações do acordo interino, deixou claro para os bancos credores, num comunicado, que o Brasil só poderia retomar os pagamentos com a ajuda dos próprios bancos.

“Por motivos que desconheço, as comunicações feitas são freqüentemente duplas: um telex do comitê credor, e outro do Brasil. Ignoro por que se optou por esta forma de comunicação. E acho que isso contribuiu para o mal entendido” — disse Fernando Milliet, revelando que está se opondo a que isso se repita agora, tanto que anteontem, como contou sem entrar em detalhes, não aceitou

assinar um telex à comunidade bancária internacional sobre os juros de janeiro.

A ameaça de rebaixamento da dívida brasileira, que voltou a pressionar as negociações, foi descartada por Fernando Milliet. “Se o Brasil permanecer por tempo indefinido sem pagar, e sem nenhum acordo, volta-se à questão da reclassificação (...) Mas agora estamos com negociações em curso.” O **Icerc**, a comissão que pode rebaixar a dívida brasileira, qualificando o Brasil de “maupagador”, está com uma reunião marcada para o próximo dia 19, terça-feira.